

**RUA ALAGOINHAS 33,
RIO VERMELHO**



RUA ALAGOINHAS 33, RIO VERMELHO

A CASA DE ZÉLIA E JORGE AMADO

TEXTOS DE
JORGE AMADO
GILBERTBERT CHAVES
PALOMA JORGE AMADO
FOTOS DE
ADENOR GONDIM
ARTE DE
PEDRO COSTA



FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

O MURO



Genaro de Carvalho, chapa

Começamos com um passeio pela rua Irará, olhando a casa pelos fundos. Bougainvilles e flamboyants formam um muro colorido dando privacidade à piscina, mas podemos lançar um olhar fugaz na varanda fechada, através das grades feitas por Mário Cravo. Agora vamos para o alto da rua Alagoinhas, é aqui que fica a entrada da casa, com seu muro branco que expõe esculturas de artistas baianos, com seu muro de pedras encimado por vegetação que acompanha o jardim até embaixo da ladeira.

O girassol de Genaro de Carvalho fugiu de um tapete e virou escultura em metal no muro da casa.



fachada da rua Alagoinhas

rua Alagoinhas



fachada da rua Irará





Mário Cravo, ferro



arma de Oxóssi



Mário Cravo, ferro



São Lázaro com seu cachorro e um pássaro de ferro, ambas esculturas de Mário Cravo, dividem o espaço com o girassol e um ex-voto, uma cabeça. A luz projeta sombras sobre o muro, e reflete nos cacos de azulejos que compõem o mosaico da escada de entrada. No ponto mais alto, a arma de Oxóssi, próxima do céu, misturando-se com as nuvens, protegendo a casa de seu filho.

escada de cacos



ex-voto





José Franco, azulejos

Hansen Bahia, talha



Aldemir Martins, cerâmica



Calasans Neto, talha



Podê ter certeza que esta casa é a 33, mesmo a da frente sendo a número 329 e a da sua direita a 342. Era 33 quando foi comprada, ficou 33 até hoje, não se obedeceu às mudanças oficiais. Muitos azulejos se encarregam de dizê-lo, inclusive aquele feito — e aí colocado — pelo ceramista português José Franco.



A ENTRADA

O visitante poderá escolher uma de duas escadas. Entrará com as frutas e com os da casa, direto para a cozinha, pela entrada de serviço, ou com as visitas, pela escada ao lado. As duas têm entre e sobre elas bichos e frutas desenhados por Carybé em lindos azulejos. Xangô acolhe o visitante através de seu machado ritual. Uma turista incomformada por seu escritor predileto não estar em casa, escreveu sobre a talha de Hansen Bahia, a caneta, para não sair nunca mais: Jorge Amado, *eu te amo*; e ainda assinou.

Mário Cravo, machado de Xangô, ferro





Calasans Neto, talha



Paramos em frente à porta entalhada por Calasans Neto, Tereza Batista nos braços de Januário Gereba, seu amor. Respire fundo e sinta o aroma de pitanga. Olhe no sentido da rua, pelo lado de dentro do muro, no alto: uma pitangueira linda, que pode estar carregada de frutos vermelhos e perfumados.

Já se pode ver os azulejos de Carybé que representam Oxum e Oxóssi e a arma de Oxóssi que estão pela casa toda.

Chegamos perto da porta da sala, paramos para ver ainda uma vez Oxum e Oxóssi, só que agora Carybé os fez em cimento. Aqui não escaparam de levar um pouco da cal com que freqüentemente são pintadas as paredes.



Carybé, Oxum e Oxóssi, cimento



Carybé, azulejos



BOA NOTÍCIA LOGO PELA MANHÃ:

Paloma conta-me que ela, Pedro e o fotógrafo Adenor Gondim — excelente fotógrafo e bom amigo — estão preparando um livro documentário sobre a casa do Rio Vermelho onde Zélia e eu residimos há mais de trinta anos. Para ser exato, posso informar que nela entramos, a família e as bagagens, em janeiro de 1963 — cerca de vinte operários ainda trabalhavam na conclusão da obra. Quando os últimos se foram, um mês depois, já estávamos instalados, móveis colocados em seus lugares, determinados os espaços reservados a cada um de nós. A família era constituída por Zélia e por mim, por minha mãe Lalu, viúva, e por nossos dois filhos adolescentes. Eu via realizado um dos sonhos de minha vida, o de ter casa de morada na cidade da Bahia.

JÁ CONTEI ANTES E AQUI REPITO, QUE DEVO A concretização desse sonho ao fato de ter vendido à empresa norte-americana Metro-Goldwyn-Mayer os direitos de cinema do romance *Gabriela, cravo e canela*. A Metro pagou-me uma miséria, com a tradução de *Gabriela* eu

começava apenas a conquistar leitores em língua inglesa. Misera quantia, para mim enorme e, ainda por cima, em dólares.

DÓLARES NA MÃO, TOCAMO-NOS, ZÉLIA E EU, para a Bahia, começamos procurar a casa. Não a encontramos pronta, à nossa espera, como desejáramos para nos mudar em seguida. Terminamos por comprar terreno no Rio Vermelho e nesse terreno edificamos a casa que estará documentada no livro para o qual, a pedido de Paloma, escrevo estas palavras de introdução.

AO CONTAR DA CASA DO RIO VERMELHO, devo começar falando sobre o arquiteto Gilbertbert Chaves que a projetou, detalhe por detalhe, e dirigiu a construção também detalhe por detalhe. Quando perguntei aos artistas de minha amizade a que arquiteto devia solicitar projeto, ouvi, de mais de uma boca, o nome de Gilbertbert cercado de elogios. Eu já o conhecia de vista e de conversa, fui com Zélia espiar uma casa projetada por ele, construída em Ondina, bela. Nosso mérito foi ter confiado num jovem que iniciava sua carreira, disposto a uma criação original, a uma invenção arrojada. Acertamos em cheio pois Gilbertbert projetou e construiu uma casa que não se parece com nenhuma outra. É única, traz a marca inconfundível da competência engrandecida pela imaginação. Assim, começo por dizer que esta casa é, antes de tudo, uma criação de Gilbertbert Chaves.

QUANDO ELA FICOU PRONTA, SENTADOS NA VARANDA, diante do jardim que plantávamos, eu disse à Zélia — ou bem ela me disse, já não sei — *Quando a velhice chegar e estivermos os dois sozinhos, aqui, de mãos dadas, recordaremos os dias felizes.*



ASSIM O FAZEMOS HOJE E, AO FAZÊ-LO, queremos agradecer aos nossos amigos, mestres da arte da Bahia, que se juntaram ao arquiteto Gilbertbert Chaves para dar à casa do Rio Vermelho originalidade e caráter. Ela não se parece com nenhuma outra, é única, porque eles, os artistas, vieram e colaboraram. São muitos, se eu fosse citar todos, a lista seria longa e decerto incompleta. Cada um deles e todos eles marcaram-lhe a beleza, a beleza baiana. A presença de Carybé, porém, fundamental, se repete em toda parte.

O GRANDE EXU QUE GUARDA A CASA, plantado no jardim entre árvores, é obra do artesão Manu

que fazia os Exus para o candomblé do Gantois. Todas as segundas-feiras Zélia lhe dá a beber um gole de cachaça. Quando ela não está, Aurélio faz suas vezes. Do outro lado da casa, junto à piscina oval, de bordas amarelas, a fêmea de Exu, Maria Padilha, escultura de Tati Moreno, defende o gabinete e os livros.

NOS FORNOS DA CERÂMICA DE UDO KNOF FORAM queimados os azulejos de Carybé — o arco de Oxóssi, o abebê de Oxum. Nos altos da sala, domina Iemanjá, talhada na madeira por Mário Cravo. Os móveis de Lev Smarcevscki vieram de Itapagipe num saveiro. A porta da rua é de Calasans Neto e a que separa nosso quarto da varanda é de Jenner Augusto. Artistas e artesãos, os famosos e os anônimos, enriqueceram e iluminaram a casa.

VINDOS DE TODA A PARTE DO MUNDO, SAPOS se espalham nos quatro cantos do jardim, se escondem nos esconso das paredes. Cerâmicas de Picasso, o jarro e o prato — no prato a cara de um bode, incrível.

CERTA FEITA PEDIMOS A UMA FIRMA IMOBILIÁRIA que avaliasse nossa casa do Rio Vermelho: quanto obteríamos por ela se a quiséssemos vender? Vale o preço do terreno, mais nada, nos responderam.

JORGE AMADO

OS SAPOS



terra cota, trazido da casa de Carybé



cerâmica, Índia



Quem nos dá as boas-vindas é o grande sapo que traz o filhinho nas costas. Dizem que ele foi roubado de Carybé, mas o caso não é bem assim. Acontece que o pobrezinho estava tão desprezado em casa do pintor, no bairro de Brotas, que Jorge, amante de sapos, fez a caridade de trazê-lo para a companhia de seus irmãos, que se espalham por toda a casa.



cerâmica



paper maché, Barcelona

bronze

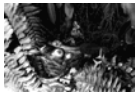


bronze





louça, Portugal



louça, Portugal



louça, Portugal



louça, Portugal



louça, Portugal



louça, Portugal



louça, Portugal



louça, Portugal

São tantas, faltam somente os de verdade, que hoje em dia não vêm mais aqui — não se assuste, minha senhora! —, mas houve o tempo em que um belo cururu habitava a rua Alagoinhas, e era o orgulho dos que com ele dividiam esta casa.



madeiro, China

louça, Portugal





A SALA



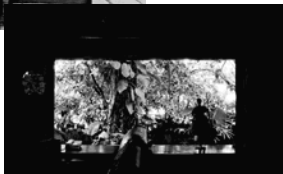
O baú fica em frente à mesa de almoço, esta faz as vezes de *bureau*, pois é aí que Jorge Amado gosta de despachar com sua secretária. Sobre o baú fechado fica o material deste escritório improvisado. Terminada a sessão de trabalho, retirado o material, o baú pode ser aberto para se apreciar a linda pintura que Floriano fez na parte interna de sua tampa. Dentro são guardados livros de arte.

Pela porta de madeira vazada entramos na sala. Os Cangaceiros, de Carybé, montam guarda, enquanto o São Jorge, de Floriano Teixeira, mata o dragão, ali do outro lado da porta do quarto de hóspedes.

O ambiente é sombreado, contrasta com o excesso de luz exterior. Entre os quadros da sala, a natureza viva emoldurada pelo grande janelão de madeira.



Tafelberg, Carybé,
cangaceiro, depois de luto





Dyanira, estudo, guache



Jermer Augusto, óleo

Floriane Teixeira, óleo sobre madeira





Sala de estar e de jantar, escritório, ela é também o lugar preferido para o descanso do casal. Face à grande televisão estão duas poltronas reclináveis, uma moderna, a de Zélia, a outra bem velhinha, do tempo em que o coronel João Amado era vivo, de Jorge; refestelados nelas eles lêem os jornais, conversam, falam no telefone, repousam e vêem televisão. Vamos passando em silêncio que está na hora do cochilinho.





Francisco Brennand, cerâmica



Stockinger, madeira e ferro



Di Cavalcanti, óleo

Calasans Neto, talha



Os saveiros de mestre Calasans Neto, com seu sol, iluminam a sala. Mas não é só arte baiana que enfeita o espaço: Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro estão presentes no jarro de Chico Brennand, no guerreiro de Stockinger, na figura sentada de Vasco Prado, na mulata na janela de Di Cavalcanti.



Vasco Prado, cerâmica



Carybé, Os Cangaceiros, aguada de guache

Mirabeau Sampaio, madeira



Carybé uma vez pediu o quadro *Os Cangaceiros* emprestado para fazer parte de uma exposição retrospectiva de sua obra, realizada na Alemanha. O quadro foi, ficou fora mais de um mês, a sala parecia vazia. Sorte a nossa, que hoje ele já está aqui de novo.

E este bicho estranho, que bicho será? Um lagarto? Um jacaré? Um tatu? São variadas as opiniões, é unânime a paixão pelo bicho.

Vamos dar uma olhadinha também em torno da sala, por fora. A santa ceia esculpida pelo Louco está incrustada na parede. E ali está uma escultura em madeira de Mirabeau Sampaio.



terra cota

Louco, madeira





No alto da parede principal da sala está uma seleção de peças da coleção de arte popular.

Omunda, cerâmica



lupa



Wilys, óleo







Volpi, São Francisco, óleo



cerâmica, Picasso

Lá estão São Francisco e, ao seu redor, os bichos que tanto estima. Com eles as crianças, nos lbejes, carregadas pela baiana, e no livro *Os Capitães da Areia*, que Pancetti pintou ao lado de uma flor.



Carybé, cerâmica



Pancetti, *Os Capitães da Areia*, óleo



cerâmica, Picasso



Ademir Martins, cerâmica





Aldemir Martins, guache



A sala é tão cheia de detalhes, difícil seguir adiante, mudar de cômodo, ela parece que tem visgo, como a Jaca que Aldemir Martins pintou, tão amarela e apetitosa, chega a dar água na boca.

icone, Belgrado



Carlos Basito, óleo





Saimos da sala por outra porta de madeira vazada, esta dupla, que nos leva à varanda aberta. Esta varanda é como uma extensão do jardim, eles se interpenetram, quase se confundem. Chegando a ela pela sala, como nós fizemos, é maior o impacto do jogo de luz e sombra que a domina, com o sol filtrado, um ou outro raio passando livre pela vegetação intensa.

A VARANDA ABERTA





Olhando da porta avistamos toda a extensão da casa, a vista passa pelo portão de ferro, atravessa a varanda fechada e chega à rua Irará. À nossa direita está a carranca com cara de cavalo; ela veio do São Francisco, é bela e rara, foi um presente do escritor Vasconcelos Maia. Um animal feito com conchas, estranho cavalo com sol e lua, de Altamir Galimbert, está próximo a outro cavalo, este com seu cavaleiro, que veio da Lituânia.



madeira pintada, vale do São Francisco



Altamir Galimbert, conchas sobre cimento



Miró, azulejo (reprodução); o andar da Fundação Casa de Jorge Amado, cerâmica



Calasans Neto, talha

Pelas paredes tantos azulejos e
peças de cerâmica...

Francisco Brennand, cerâmica



azulejos persas



Aldeir Martins, alfaico, telha boio.



azulejos persas

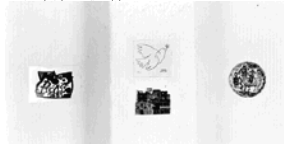
azulejo persa



Floriano Teixeira, azulejo



Picasso, azulejos (reprodução); azulejo persa





Mário Cravo, madeira envernizada

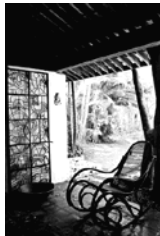


terra cota pintada



A Virgem abstrata de Mário Cravo compartilha o mistério de luzes e sombras com o São Francisco de Expedito e o anjo de mestre Dezinho, do Piauí.

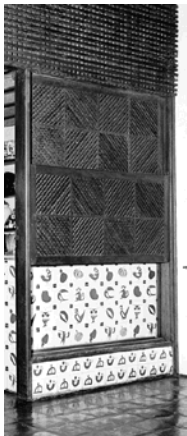
Mas vamos sentar um pouquinho, na marquesa ou no banco de madeira, antigos, pode ser também na cadeira de balanço austríaca, ela pertenceu ao mecânico e piloto de automóveis Ernesto Gattai, pai de Zélia. Nas fins de tarde, o frescor da brisa convida ao balanço na cadeira, do jardim vem um cheiro bom de pitanga.



Mestre Dezinho, madeira



Expedito, madeira



O bar se abre com o movimento da janela de treliça, em guilhotina. Ele se fecha e nos mostra mais um conjunto de azulejos de Carybé, com bichos e frutas. Garrafas, jarras e copos, peças de variadas nacionalidades estão expostas nas prateleiras do bar, são parte da coleção de arte popular, o que não limita o utensílio a mero objeto exposto.

O BAR





Fernando Ladeira, óleo



Wily, óleo

Vamos tomar um suco de umbu, esta jarra branca com desenhos verdes é tcheca, vem desde o tempo de exílio dos donos da casa, há quase cinquenta anos.



Caymmi, óleo

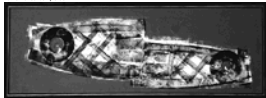
Di Cavalcanti, aquarela



Carlos Bastos, óleo



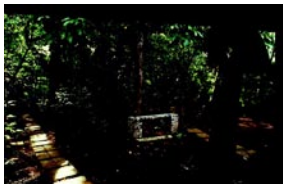
Lev Smarzewski, óleo



Vamos aproveitar o frescor desta tarde clara para passear no jardim, sentar um pouco nos bancos de alvenaria, cobertos por mosaicos de cacos de azulejos, que estão sob as grandes árvores.



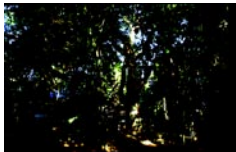
O JARDIM

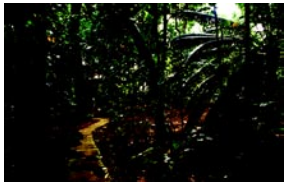
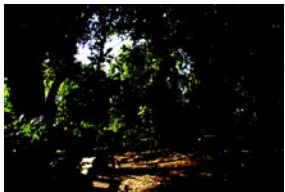


É aqui no jardim que está o principal dono da casa: Exu. Foi mestre Manu quem forjou em ferro o orixá, que com suas armas foi viver no jardim, de onde olha a casa e lhe dá proteção. Aqui ele é bem cuidado, toda a segunda-feira toma sua cachacinha, ganha sua gamela de comida, sempre que reclama por ela. Não tenham medo, ele não é mau como dizem, é apenas travesso.



Vamos tomar o caminho da direita, ele vai até o quiosque. Passaremos pelo jambeiro, pela jaqueira, por algumas mangueiras. Não se acanhem, podem colher as mangas que estão pelo chão. E que são tantas, que sempre sobra alguma sem colher. Estão vendo ali, perto daquela pitangueira? Esta cabeça em pedra de Vasco Prado mora no jardim há muitos anos.





Agora que chegamos no fim do jardim voltamos pelo outro lado, o caminho passa pelo sapotizeiro e por outras mangueiras. Tem até um pé de citrô. Quase tudo foi plantado por Zélia e por Jorge. Estamos chegando de volta à casa, impregnados de verde e dos reflexos dourados do sol. Já se avistam os galos de cerâmica que vieram de Portugal.



Uma turista, uma vez, foi surpreendida por Zélia sendo fotografada deitada na cama do casal. Não se constrangeu, explicou: — *Ora, querida, não podia deixar de tirar um retrato na cama de Jorge Amado. Se ela pôde ver o quarto, nós podemos também, sem precisar deitar na cama, é claro!*

A cama é de alvenaria, Oxum e Oxóssi nos azulejos de Carybé. No canto uma chaise-longue de Oscar Niemeyer, ao lado os baús com os guardados.

O QUARTO



Genaro de Carvalho, *Isapeçaria em lá*

Fernando Lopes, *óleo*



Mirabeau Sampaio, *óleo e ouro*



José Maria, *óleo*

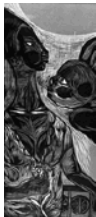


Clávia Graciano, *Zélia*, *aquarela*

José de Dome, *óleo*



A *lemanjá* de Genaro de Carvalho domina o quarto, com suas cores vibrantes. A *igrejinha de Santana* é o coração do bairro do Rio Vermelho. Face a ela morava o pintor José de Dome.



Emanuel Araújo, gravura



Juarez Pinheiro, gravura



Calasana Neto, talha



Lyanna, guache



Di Cavalcanti, óleo

Henrique Oswald, óleo



Carlos Scliar, Zélia Gattai, óleo



Carlos Scliar, Jorge Amado, fusão





Cardoso e Silva, óleo



Picasso, cerâmica, França



louça, Dinamarca



Generac, gravura, Iugoslávia
Willys, *Atelier de Alfredo Santeiro*,



Rossi, Zelia Gattai, fusão



Willys tirou o quadro *Atelier de Alfredo Santeiro* de sua parede, para dar a Jorge, pouco antes de morrer.





Mestre Didô, palha, couro, buzios

Manu, arma de Oxóssi, ferro

A penteadeira de Zélia fica em frente à cama. No alto uma prateleira expõe santos; a cada lado, sincreticamente, peças rituais de mestre Didô, filho da saudosa Mãe Senhora, iyalarixá do Axé Opô Afonjô; em ferro, as armas de Oxóssi. Também no alto, um grande quadro de Aldemir Martins mostra uma baiana.



Emanuel Araújo, gravura

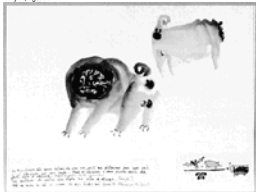


Luiz Simões, óleo



José de Dorne, Teta do Agreste, óleo

Carybé, aguada



Raimundo de Oliveira, óleo

Contíguo ao quarto está o escritorzinho de Zélia, privando do mesmo ambiente de intimidade.

Vejo que alham com curiosidade estes animais e esta estranha equação no quadro de Carybé. É que morto de inveja da beleza dos cães Pug, habitantes desta casa, ele inventou que esta raça era o resultado do cruzamento de morcego com porco e telefone. Não satisfeito com o que inventou, pintou a invenção!



Dingo Rivas, Autópsia do bico de porco



INSINUAÇÕES E FRAGMENTOS

FAZ MUITO TEMPO. O ANO TALVEZ SESSENTA E DOIS.
No Bairro do Rio Vermelho.

CERTA NOITE, NO ATELIER DO ESCULTOR MÁRIO CRAVO JR., foi marcado com antecedência um encontro. A casa de Mário e Lúcia era contígua ao atelier. Lúcia é tratada por Sônia minha esposa e por mim, na intimidade, carinhosamente, como Lucinha ou como Comadrinha.

FICAMOS A CONVERSAR COM MÁRIO E LUCINHA, ouvíamos a melhor música clássica e jazz. Como de costume, foi servido saboroso cafezinho. Não demorou muito, chegaram Zélia e Jorge, Luiza e Jenner. Como sempre, foram feitas as brincadeiras descontraídas e muitos risos. Pusemo-nos à vontade.

PASSADO O INTRÓITO, FOMOS IMEDIATAMENTE ao assunto do encontro. Conceder uma mãozinha a Zélia e Jorge na adequação da casa às necessidades básicas do casal. Marcou-se a primeira visita à casa no dia seguinte às nove horas. Rua Alagoinhas, Rio Vermelho. A casa estava situada num grande conjunto imobiliário de habitações de classe média, dos anos cinqüenta, conhecido como Parque Cruz Aguiar. A refinaria de petróleo Landulfo Alves começava

a produzir, o CIA, Centro Industrial de Aratu estava sendo instalado. Salvador adquirira novo status. Agitava-se, expandia-se e era atração turística.

ÀS NOVE HORAS BATO À PORTA.

A porta da casa está situada no alto do lote e é antecedida por uma escada confinada e estreitinha. Alguém abre e convida-me a entrar. Atravesso a casa diagonalmente em direção ao lote contíguo, pelado, sem arborização, uma tristeza. Zélia e Jorge estavam com as mãos na terra. Plantavam naquela terra estorricada e formiguenta. Tinham pressa em arborizar aquela terra ressequida e convertê-la em terra humosa. Talvez desejassem transformá-la no pequeno jardimzinho dos seus sonhos, posto que, naquele tempo o casal possuía apenas esse pequeno lote vizinho à casa. Alguns anos depois, viriam a adquirir mais alguns lotes, que, no conjunto, transformaram-se em uma gleba de terra de razoável dimensão. Zélia e Jorge iriam compor um plantio variado de árvores e arbustos, que viria a ser realmente o jardim dos seus sonhos, quase um pequeno bosque.

MOSTRAM-ME O LUGAR ONDE SERIA EXECUTADA A VARANDA, a suíte do casal e o wc para conforto das visitas, localizado discretamente no canto da varanda.

A CASA DE ZÉLIA E JORGE RESULTOU COM O TEMPO em uma casa pregnant, isto é, preñe, repleta, plena, cheia e pejada de objetos, na qual todos os espaços são ocupados. Objetos aos milhares, que não são como de um colecionador comum. São objetos que possuem algo de expressão plástica, criatividade e utilidade. Parte deles foram adquiridos por Zélia e Jorge e parte foram oferecidos por amigos do casal. Os objetos estão implantados, incorporados, grudados, fixados, integrados, em cada pequenino espaço, cada muro, cada

saliência, cada plano horizontal, cada plano vertical. A casa abriga o micromundo dos objetos. Os objetos despertam curiosidade ao serem percebidos, descobertos, notados e compreendidos. Alguns estão posicionados para despertar curiosidade, excitar a imaginação, como se fosse um mundo mágico. Um mundo dentro de outro mundo. Único. São formas humanas, animais e objetos místicos dos rituais afro.

CONSIDERO ORIGINAL ESTA VALORIZAÇÃO DOS OBJETOS no geral. Poucas pessoas criaram um mundo tão rico de simbolismo e humanidade. Agrada-me o conjunto.

A SEMIÓTICA DA CASA BAIANA. NA ENTRADA, UM MODELO DE PÓRTICO.

A ambigüidade de duas escadarias contíguas. Ambas decoradas com cacos de cerâmica e azulejo, executada por Jorge e o pedreiro ajudante. No alto do pórtico o signo de Oxóssi, para mim o arco e flecha dos índios, também identificado como a arma de São Jorge. Signo de Jorge dos rituais afro. O arco aponta para o céu. Para mim que a imaginei, alusão à torre dos sinos da Igreja Beneditina do conjunto arquitetônico do convento de la Tourette, construída na França sobre o projeto de Le Corbusier. Projetei algo como um altar para a virgem-afro, escultura de Agnaldo Santos e um Peji de Oxóssi, situado na varanda. Existe uma série de objetos e espaços simbólicos, no interior da casa e distribuídos pelo jardim.

A FORMA ARQUITETÔNICA DA VARANDA ESTAVA CONDICIONADA à minha reflexão, inspiração, identidade, motivação, adequação do espaço, à função e ao programa. Enfim oferecer respostas aos desejos psicológicos e pessoais do casal.

ESTAVA CONVICTO, NAQUELE MOMENTO, DE QUE JORGE sintetizava o espírito da Bahia. A identidade com a gente baiana, povo, povo miúdo, pobreza substancial, pobreza digna, pobreza de meios o povo é mais forte do que a miséria, diz Jorge. Jorge encarnava a modéstia franciscana, declarava o irmão na poesia, Odorico Tavares.

FATO CURIOSO É QUE PARA REALIZAÇÃO DE TODAS AS obras de reforma e ampliação da casa de Jorge, não foi executado, como de praxe, o projeto de arquitetura. Como se diz comumente nestes casos: projetado em cima da perna. Talvez por isto tenha dado certo. Prevaleceu a espontaneidade. A ocasião. O momento. A improvisação. O instante. As conseqüências. Os recursos. Os meios. Os fatos. Todavia foram executados alguns desenhos parciais e localizados.

ZÉLIA E JORGE VIRAM QUE ERA BOA A VARANDA.

Decidiram que seria conveniente reformar a outra parte da casa. Ficaram inquietos, programaram a nova fase. Com a construção dessa segunda fase teríamos uma casa com unidade arquitetônica.

O PROGRAMA CONSTAVA DE BAR, SALA DE ESTAR, quarto para Lulu, mãe de Jorge, quarto para João Jorge, quarto para Paloma e suíte para visitas. Exclusivamente para Zélia o programa incluía quarto de vestir, quarto de costura, laboratório fotográfico e solário ao nível do telhado. Dependências, cozinha, copa e área de serviço. Com este programa ocupou-se todos os espaços da primeira casa. As dependências para as empregadas foram construídas distantes, no extremo dos lotes peladas e desarborizadas, os quais, mais tarde, seriam transformados em frondoso jardim. Uma catedral verde.

PARA CONSTRUÇÃO DESSA SEGUNDA FASE DA PRIMEIRA CASA, pela sua complexidade e dimensão, foram contratados os engenheiros construtores Nilson Costa e Artur Ramos.

NO JARDIM CONSTRUIU-SE UMA FONTE PARA A Rainha das Águas, lemanjá. Uma lemanjá, esculpida por Mário Cravo, foi colocada na mesma. Passados alguns anos, com o desenvolvimento do jardim, soterrou-se a fonte e a escultura de lemanjá foi colocada num espaço adequado, num local elevado da sala de estar preservada das intempéries. Fincou-se um mastro grande de saveiro para nele tremular a bandeira de lemanjá pintada por Carybé — posteriormente Floriano Teixeira pintou outra bandeira de lemanjá. Logo na entrada da casa desenhei um pórtico. Calasans Neto entalhou uma porta de madeira ao lado do pórtico e uma sereia de concreto decorada com bolas de gude situada no alto do telhado, no terraço da piscina. Atualmente são dois mastros fincados ao lado da piscina, que simbolicamente representa a fonte de lemanjá. A semiótica as águas. Os móveis da sala de estar e jantar foram desenhados e executados por Lev Smarcevscki.

A CASA GANHOU LINHADE FORMAL E FOI MUITO VISTADA.

FOI UM MOMENTO NO TEMPO E NO ESPAÇO.

NO PRINCÍPIO MUITAS CORES FORAM COGITADAS PARA PINTURA da casa de Zélia e Jorge. Teriam começo no colorido variado dos casarões e sobrados do Pelô. Cores arquitetônicas. Ocre, azuis, verdes, amarelas, vermelhas, terrosas, rosas, lilases e cinzas. Cores com integridade total. Cores com significado. Cores sem misturas, puras, diretas e sem nuances. Cores originárias dos objetos do culto afro e do artesanato da gente pobre que é executado com barro cru.

EM ESPAÇOS ESPECÍFICOS, MUIROS E MURETAS FORAM aplicadas cores simbólicas. Azul anil ou indigo, óxido de ferro ou ferruginoso e roxo — terra ou roxo — forte.

FINALMENTE, PARA VALORIZAR A TEXTURA CORRUGADA DAS PAREDES, predominou o branco da cal no corpo da casa.

CONTEXTUALIZAMOS NA CASA A FORMA, A VOLUMETRIA, a robustez, a curvatura, a textura, a gordura, a macieza encontrada no guarda-corpo da borda de Ladeira da Montanha. Estas referências visuais e formais são encontradas na parte inferior da abertura gradeada da sala de estar, nos acabamentos do banco da varanda e na borda da piscina e degraus do seu interior. Indiretamente lembra partes do corpo da preta baiana. As ancas, as coxas, os ombros e os braços.

Algo macio e oleoso.

A ATMOSFERA AMBIENTAL DO INTERIOR DO MERCADO MODELO foi motivo de referencial ambiental e espacial da casa. O Mercado Modelo foi destruído por incêndio há muitos anos atrás. A parte central da casa é dotada de ferro vazado executado com ripas de ipê e iluminado zenitalmente por telhas de vidro. A luz projetada nas paredes e pisos inusitados desenhos lineares, geométricos e abstratos. O ferro vazado facilita a aeração, a ventilação e o combate à umidade e ao mofo. O ferro vazado de ripas de ipê deste modo cria uma proporção mais aprazível dos espaços da casa.

A CONSTRUÇÃO DA CASA DEFINITIVA.

A casa final realizou-se por partes. Pouco a pouco.

Os espaços das duas casas foram no tempo articulando-se organicamente, acontecendo naturalmente com o fluir da vida familiar e sua dinâmica. Os espaços foram integrando-se, nascendo e morrendo, segundo o destino natural da existência humana.

A CASA FICA SITUADA A POUCOS METROS ACIMA da Rua Alagoinhas, portanto, não sendo avistada da mesma. É parcialmente percebida da Rua Irará. Pouco vista do jardim contíguo à mesma.

MESTRE RUFINO, ESCOLHA DE JORGE, UM GRANDE ACHADO.

Eu ia inventado as soluções arquitetônicas no canteiro e ele com entusiasmo ia executando, sem dificuldades. Executava com amor e dedicação. Zélia e Jorge felizes, assistindo e participando da execução da obra, quase diariamente. Derrubam-se paredes, constroem-se paredes, fecham-se portas e janelas, abrem-se outras, erguem-se colunas, assentam-se as vigas mestras de ipê da varanda, põe-se os caibros, assentam-se as telhas, retira-se o reboco podre, cria-se reboco novo texturado, caíam-se as paredes, envernizam-se as peças de ipê. Hoje o ipê, como madeira de lei, está lamentavelmente extinto.

A CERÂMICA DO RISO DA VARANDA E DA SUÍTE VIERAM DE Conceição do Almeida, recôncavo baiano. Fora executada por um oleiro por mim descoberto, com barro da beira de rio, para obter a coloração clara. Esse tipo de cerâmica é usado desde a época da colonização.

ASSIM PODEMOS DIZER, NUMA BOA, SEM TRALIMAS, executou-se a varanda e a suíte. Colaboraram nessa fase os artistas e amigos, Mário Cravo, Carybé, Jenner Augusto e Lênio Braga.

AS CADEIRAS DA SALA DE ESTAR E DAS VARANDAS

foram executadas em ipê, fundamentadas no desenho de uma cadeira existente no Convento de São Francisco, descoberta e cadastrada por mim, e realizado o primeiro modelo com ajuda do pintor Lênio Braga. Também confeccionamos, improvisando com sobra dos caibros do telhado, duas mesas de centro, para a varanda e para a sala de estar.

SURTIU A POSSIBILIDADE DE ZÉLIA E JORGE COMPRAREM UMA segunda casa, vizinha à primeira já completamente reformada, poderiam ampliá-la e dispor de mais conforto espacial. Terceira fase da construção. Seria oportunidade de Jorge poder gozar de uma saleta para escrever e despachar com a secretária. A idéia de construir a piscina em frente à saleta de escrever revelou-se fada de dois gumes. Lá se foi o isolamento, lá se foi a saleta de escrever.

CONSTRUIU-SE NESTA SEGUNDA CASA MAIS UMA suíte para visitas, ampliou-se a cozinha, a área de serviço e criaram-se novas dependências de empregadas, lavanderia, local para passar a ferro e de quebra ganhou-se uma pequena horta protegida da rua por um muro com um baixo-relevo vazado, executado em cobre, desenhado pelo tapeceiro Genaro de Carvalho.

A EXECUÇÃO DA REFORMA E AMPLIAÇÃO DESSA segunda casa ficou a cargo do arquiteto Mário Mendonça.

CONCLUÍDA A OBRA, JORGE NÃO CONSEGUIA ESCREVER, a piscina cheia de gente: nela podiam nadar livremente os netos. Foi tempo do lazer, da boa vida. Para curtir o calor e os banhos de piscina.

ZÉLIA E JORGE DECIDIRAM CONSTRUIR MAIS AFASTADO UM ANEXO À CASA definitiva, isto é, a casa composta da integração das duas primeiras. O anexo à casa definitiva seria a salvação para os dois escritores.

A FORMA ARQUITETÔNICA DO ANEXO DIVERGE

um pouco da forma da arquitetura da casa. O anexo fica localizado muito distante da casa, e não são avistados entre si, visto que o jardim entremete-se entre ambos. Mas pode-se perceber, através do mesmo, ao longe, parte do bairro do Rio Vermelho e o mar. Foi feito sobre as dependências das empregadas depois transformadas em adega e depósito.

A FORMA ARQUITETÔNICA DO ANEXO TEM COMO PARADIGMA

a arquitetura do Mediterrâneo, a qual tomei como empréstimo na obra de Le Corbusier, bem como as proporções, as medidas e o traçado regulador contidas no Modular, de Corbusier, adaptado ao ambiente baiano. Zélia e Jorge, quando de suas viagens pela Europa, visitam sempre o Mediterrâneo e pessoalmente identificam e apreciam a arquitetura mediterrânea.

O ANEXO À CASA É CONSTITUÍDO DE UMA SALA-QUARTO, banheiro e varanda. É um espaço confortável. A idéia seria que o casal ficasse isolado no seu cantinho. O isolamento funcionou parcialmente. Aí Zélia e Jorge pretendiam por sua tenda de escritor, inclusive, para terem sossego, dispensaram o telefone.

Zélia e Jorge não conseguiram se isolar e então decidiram voltar para a suíte situada no corpo da primeira casa. Voltaram para o antigo ninho.

O DESLIZAMENTO DO TALUDE PODERIA ACONTECER DURANTE o inverno vindouro, fazer desaparecer grande parte do jardim, causar danos na rua Alagoinhas. Criar grande desordem no tráfego do bairro.

O DILÚVIO, PREOCUPAÇÃO DE CADA INVERNO,

precipitava muita água sobre o jardim. As águas transbordavam, derramando-se através da borda do jardim, verdadeira cachoeira, em forma de cortina, caindo diretamente sobre a Alagoinhas. As águas carregavam adubos, plantas miúdas, a cerca verde de hibiscos e o próprio terreno de argila ocre. A erosão causava notável estragos na pavimentação da rua, executada em paralelepípedos. Como evitar o deslizamento? Cada ano aumentava o processo erosivo.

ESTUDOS TÉCNICOS APONTAVAM A CONSTRUÇÃO DE

imensa cortina de concreto armado. Jorge bancou os custos da obra, afim de evitar a destruição do jardim por ele e Zélia plantado mão a mão. Segurança e estabilidade foram restituídas. Salvou-se o jardim plantado com amor.

ZÉLIA E JORGE NÃO IMAGINARAM UM JARDIM CONVENCIONAL, gramado à inglesa. O plantio resultou simplesmente em um jardim frondoso e intricado. Cada nova plantinha que despontava voluntariamente no jardim era de pronto notada por eles, bem vinda e preservada com mimo, carinho e amor.

A IMAGEM DO MEIO RURAL E DO AMBIENTE DA CASA DE FAZENDA DE CACAÚ ficaram impregnados na mente de Jorge nos seus primeiros anos de vida, de sua meninice. Jorge nasceu grapiúna, teve intimidade direta com a Mata Atlântica, acostumado,

familiarizado com mato, mato fechado, cipós, rios, riachos, lagoas, brejos, plantas, aves, pássaros, animais, mil besouros, muita água, muita chuva fina, chuva grossa, sombras, muito cheiro de mato. Aroma da mata.

JORGE NASCEU NESTE AMBIENTE DA MATA ATLÂNTICA, na vila de Ferradas; coincidentemente, nasci aí.

O CAMINHO DO JARDIM FORA EXECUTADO pobremente com aproveitamento de placas de concreto provenientes das demolições dos terraços e varandas reformadas. Sobras das obras. Uma placa seguindo a outra placa, isoladamente.

A COEXISTÊNCIA DAS PEQUENINAS PLANTAS COM AS GRANDES ÁRVORES. O conjunto, como orquestração de seres diversos. Os pássaros, a luz suave projetada sobre a terra, filtrada pela folhagem, cria um mundo de imagem tropical. A umidade, a amenidade climática. A proteção da incidência dos raios solares passam a sensação de se poder viver em contato direto com a natureza. Independentemente da arquitetura e do abrigo.

A CASA PASSA A SER UMA ABSTRAÇÃO.

O jardim predomina, assume importância maior.

Esta foi a lição da casa de Zélia e Jorge. O jardim foi uma criação deles. Sobrepujou a arquitetura.

IDÉIA DO RESPEITO À NATUREZA MÍSTICA, DA NÃO DESTRUÇÃO, DA confraternização de todos os seres humanos, da vida e do amor.

ESTAR NO JARDIM.

IMAGENS SOLTAS. REFLEXÕES.

LUZ, SOMBRAS. AMENIDADE TROPICAL.

Criatividade, silêncio e umidade. O destino humano. A natureza respeitada. Paz. Sensibilidade. Amor. Humildade. Acolhimento, recolhimento. Visão interior, desligamento da angústia da vida, desprendimento, viver. Natureza integrada à vida. Viver um ato natural, espontâneo. Liberdade. A vida por instantes, circunstancialmente.

LUZ E SOMBRAS.

QUANDO A ARQUITETURA REDUZ-SE a uma abstração e se submete à natureza.

CIRCUNSTÂNCIAS.

GILBERT CHAVES



A VARANDA FECHADA



Relógio, gravura, Portugal



Hansen Bahia, gravura

Vamos entrar agora para varanda fechada, em forma de L. Na verdade esta varanda só é fechada em relação à primeira, pois é toda gradeada com as grades de ferro desenhadas por Mário Cravo. Nesta perna do L os móveis são de Oscar Niemeyer.



Porcelino, ferro casto



A luz que entra pela grade vem da rua Irará. Lembram? Foi esta parte da casa que vimos no começo da visita, quando ainda passeávamos pela rua. Agora podemos ver os detalhes, objeto por objeto. É nesta varanda que está colocada a maior parte da coleção de arte popular de Zélia e Jorge Amado.





As peças vieram de todas as partes do mundo, têm sido colecionadas ao longo dos últimos cinquenta anos. Uma das virtudes deste conjunto, e da maneira com que ele é exposto, está na mistura das peças, fazendo com que haja um certo anonimato, a beleza ganha prioridade sobre a origem.



Vamos olhar esta prateleira. Estão vendo as corujinhas? Eu sei que uma é mexicana, mas qual será? Estão posando em frente às baianas que dançam sua dança ritual. Um olho mais atento verá que é um quadro de Jenner Augusto, as artes se unindo numa só beleza.

Vamos fazer atenção aos dois ex-votos. Um é do *Toilette de Flora*, famosa tenda de riscar milagres do século passado; o outro foi pintado por Lício Lopes, mostra o caçador matando a onça e salvando as crianças. A onça, em terra cota, também é vista em pé, fora do quadro.





Udo Knof, cerâmica



Dodik Jegou, cerâmica, França



Willys, óleo



O Peji de Oxóssi foi pintado por Lênio Braga, em sua frente estão peças rituais. Os azulejos que bordam o banco são antigos.



José Pires, ferro



José Pires, ferro





louco, madeira

O Cristo, do Louco; o macaco músico; a figura indiana.



ferro, coto



madeira e cerâmido, lindo

Um grupo extraordinário de esculturas está na varanda fechada: o *Exu*, de Mirabeau Sampaio; o estudo para a grande escultura *Cangaceiro*, de Mário Cravo; a escultura abstrata com que Mirabeau Sampaio, recebeu medalha de prata no Salão Paulista; e o grande pássaro de Francisco Brennand.



Mirabeau Sampaio, madeira



Francisco Brennand, cerâmica



Mirabeau Sampaio, madeira



Mário Cravo, estudo para *O Cangaceiro*, madeira



A Igreja de Cardoso e Silva é vermelha, estranha e bela, como também é vermelho o boi do mestre Vitalino. Existem coleções dentro da coleção, aqui estão os porquinhos.



Vitalino, cerâmica



Cardoso e Silva, óleo

É da predileção de todos da casa este castiçal em madeira. De onde veio? Há três dias que penso nisso, tento me lembrar e não consigo. Pergunte a Zélia, ela sabe com certeza — diz Jorge. Trouxemos de uma de nossas viagens, diz Zélia, mas não sei mais de qual.





Nossa Senhora dos Pregos, é o nome desta obra prima de Agnaldo. Reparem os quadros sobre ela, na verdade são os basculantes do banheiro do quarto do casal, que foram pintados por Jenner Augusto.



Agnaldo, Nossa Senhora dos Pregos, madeira

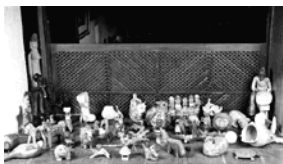


Artêmio Rebouças, bronzes



No alto da parede, por sobre a coleção, estão Sante Scaldaferrri, Carlos Bastos — em duas cenas de festa em Salvador — Afrânio Castello Branco e Jamison Pedra.

Chamo a atenção para aquele barco de Exus à esquerda, é uma peça curiosa, que mistura à madeira a arte plumária. Muito linda, também, é a representação dos músicos de Bremen, perto do quadro de Sante.



Junto à janela de treliça que abre para o quarto do casal, uma variedade de bichos — tartarugas, bois e vacas, um carneiro, uma zebra, cavalos, um leão, uma pomba roliça, um peixe de boca aberta — convivem sob o olhar amigo da rendeira que tece em sua almofada de bilros.

Olhem que peça bonita! É um dente de elefante-marinho entalhado pelos esquimós. Na realidade é uma carta, onde toda uma história de pesca é contada. A santa ceia que está atrás dele é do ceramista Milagres. De um lado uma orquestra de flautas peruana, do outro a orquestra de macacos.





A PISCINA

Em torno desta piscina de borda amarela, estão sapos, peixes, baleias, iemanjás. Mas quem manda mesmo neste pedaço é Maria Padilha, mulher de Exú, que Tati Moreno esculpiu em ferro, com as mãos na cintura.



Est. Moreno, Maria Padilha, ferro



Visco Prado, pedra



No alto da casa, sobre o solarium — ao qual se tem acesso por uma escada no escritório de Zélia — está a baleia de bolas de gude de Calasans Neto



Carybé, terra cota

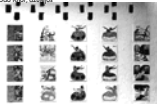


Aldemir Martins, azulejo



cerâmica, Finlândia

Udo Kopf, azulejos



azulejos, França



Cravo Neto, ferro



Francisco Brennand, cerâmica



Carybé, bronze





Carybé, cerâmica



cerâmica, Peru

Carybé, óleo



Para a piscina abrem-se uma porta vazada e um janelão como o da sala, eles são do escritório onde estão as traduções dos livros de Jorge e onde trabalha sua secretária. A mãe de santo e suas filhas fizeram pose para Carybé e hoje tomam conta das traduções dos livros do Obâ Arolu.





Floriano Teixeira, Dona Flor, óleo



José de Dome, Dona Flor, óleo

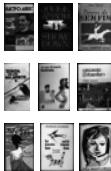


José de Dome, O Cego, óleo

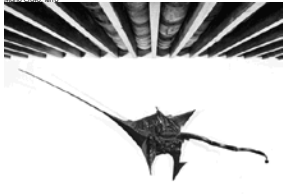


Em meio aos livros e ao computador, duas imagens de dona Flor: a de Floriano Teixeira e a de José de Dome iluminam o escritório. Com elas está o Goleiro, de Siron Franco, e o Cego, retrato que José de Dome fez de seu irmão. Sobre a porta que abre passagem para o corredor que leva ao quarto de hóspedes e à cozinha está uma grande arraia de ferro, de Mário Cravo.

Siron Franco, óleo



Mário Cravo, ferro





Emanuel Araújo, talha

Passamos para o corredor, e, antes de entrarmos no quarto de hóspedes, vamos ver os quadros que estão nesta passagem, inclusive as cenas do Rio Vermelho, pintadas por Licídio Lopes.



Licídio Lopes, óleo



Na entrada da cozinha está a placa da Escola de Arte Culinária Sabor e Arte. Esta escola existia na Cabeça, e quando Norma Sampaio, a pedido de Jorge Amado, foi conversar com a dona para que autorizasse o amigo a usar o nome de sua escola no romance *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, veio a surpresa de que dona Edna, dona e professora da escola, era prima do escritor. Esta é a placa original da escola de dona Edna Leal.



Calosara Neto, talha



Aldemir Martins, acrílica



cerâmica, Peru



Vitalino, cerâmica



Este foi o maior boi já
feito pelo mestre Vitalino.
O jornalista João Condé o
deu de presente a Jorge
— deu e se logo se
arrependeu, quis tomar de
volta, mas aí já não tinha
jeito, ficou sem o boi.

O QUARTO DE HÓSPEDES



Diego Rivera, lico de pena



Floriano Teixeira, óleo

Aqui estão as talhas originais de Calasans Neto para as ilustrações de Tereza Batista, *Cansada de Guerra*. Não se apressem, gastem seu tempo, vale à pena olhar cada detalhe. Não deixem de apreciar também a ilustração que Diego Rivera fez para o poema de Jorge que está em *Terras do Sem Fim: Era uma vez três irmãs...*



Calasans Neto, Tereza Batista, matrizes de gravura

Carlos Scliar, vinil



Raimundo de Oliveira, óleo



Cardoso e Silva, óleo





O QUIOSQUE

O Quiosque é tão integrado à paisagem que passamos por ele sem ver que ali estava o estúdio feito para o casal Amado poder ter um pouco de isolamento. O janelão emoldura a mangueira que carrega de mangas-espada. Uma varanda permite olhar a vista sobre o mar do Rio Vermelho, é lindo!



Emanuel Araújo, talha



Amor Augusto, óleo



A maioria das peças que estão no Quiosque são de origem russa: bonecas, cavalos, perus, porcos, carneiros de cerâmica, pintados em cores vivas.



RUA ALAGOINHAS 33, RIO VERMELHO

EM 1960, JORGE AMADO VENDEU PARA A METRO-GOLDWYN-MAYER os direitos de adaptação de *Gabriela, Cravo e Canela*. O valor não era alto — direitos para toda a vida e para todo tipo de apresentação cênica —, mas foi o suficiente para possibilitar a realização de um sonho antigo: ter uma casa na cidade da Bahia, para nela vir morar.

A ESCOLHA DA CASA DUROU MUITO TEMPO, FOI MINUCIOSA, realizar sonhos não acontece todos os dias, e no dia que acontece, deve-se fazê-lo com capricho e sem precipitações. Genaro de Carvalho, o grande tapeceiro baiano, foi quem indicou ao casal Amado a casa de uns suíços na ladeira da Barra — ficava junto ao cemitério dos ingleses, pertinho da igreja de Santo Antônio. Além de bela, a casa tinha uma vista maravilhosa que os deixou encantados. Zélia disse à proprietária: — *Nós gostamos muito de sua casa!*, — *Nós também!*, respondeu a suíça, encerrando o assunto da compra, antes mesmo dele ter começado. A segunda casa a ser vista ficava no Rio Vermelho, uma boa moradia no alto do Morro das Margaridas. As negociações já iam adiantadas quando ficaram sabendo que os donos pretendiam vender apenas a casa, o terreno em volta seria loteado: o verde desejado deixava de existir, era trocado por uma porção de vizinhos, acabava aí todo o interesse. Na Pituba ficava a casa da viúva, bem na Manoel Dias da Silva, em frente à Igreja. Belo terreno, boa residência, na hora de assinar o contrato a viúva arrependeu-se, era a sua jóia, não quis se desfazer dela. A procura passou por Itapagipe, perto do largo da Ribeira: casa grande, antiga e quente

como os diabos, lá só o que encantou a Zélia foi um cachorro que ria, a graça era pouca para fazer a compra valer à pena. Finalmente voltaram ao Rio Vermelho e encontraram, no Parque Cruz Aguiar — onde fora uma fazenda cheia de sapos, segundo a lenda do lugar —, no alto da rua Alagoinhas, o local para começar a construir os sonhos. A casa em si era velha e ruim, feita de barro batido, precisava de uma super-reforma; o terreno, não muito grande, era — descobriu-se pouco tempo depois — o paraíso das formigas, o que justificava estar vazio de plantas — na época somente uma mangueira pequena, três sapatizeiros e um jambeiro ainda bem jovem resistiam —; a vista linda sobre o mar do Rio Vermelho, lugar do Peji de Yemanjá, porém, valia a pena e fazia com que as tarefas de reconstruir a casa, eliminar os formigueiros e refazer o jardim fossem apenas pequenos desafios em nome do bem viver.

GILBERT CHAVES, JOVEM ARQUITETO GRÁFIANA, foi convidado por seu conterrâneo para projetar a nova casa — é mais correto dizer assim, pois da antiga nada restou. Ao extraordinário talento de Gilbert Chaves somaram-se a arte de alguns dos mais importantes artistas plásticos da Bahia: Mário Cravo executou as belas grades de ferro; a porta de vidro do quarto do casal e as janelas basculantes do banheiro foram pintadas por Jenner Augusto; o arquiteto Lev Smarceveski projetou os móveis da sala: a grande mesa com suas cadeiras sem espaldar, o sofá e as poltronas. Carybé deixou sua marca de muitas maneiras: desenhou as portas de madeira vazadas, o grande portão de ferro da varanda em L, dois conjuntos de azulejos, com Oxum e a arma de Oxóssi, que estão por toda a parte, e as frutas e os bichos que enfeitam a parede externa do bar e a entrada da casa; foi Carybé ainda quem sugeriu — e desenhou — a cabeça de pássaro com que terminam as vigas.

ENQUANTO O ARQUITETO, EM SUA FRANCHETA, ELABORAVA DETALHES DE CONFORTO E beleza; enquanto o mestre-de-obras e seus operários trabalhavam na obra construção; enquanto os artistas, em seus ateliês, produziam as obras de arte que depois viriam para a rua Alagoinhas, Zélia e Jorge

começavam a plantar o jardim. Foi uma triste surpresa quando, da noite para o dia, o casal Amado viu suas lindas mudas de laranjeiras devoradas e mortas pelas formigas. Chegou, então, seu Zuca, matador de formigas do serviço especializado da prefeitura. Seguindo a trilha para localizar e exterminar os formigueiros, o especialista acabou por livrar todo o Parque Cruz Aguiar da praga.

EM JANEIRO DE 1963, COM A CASA QUASE PRONTA, a família mudou-se para a Bahia. Há pouco o coronel João Amado morrera no Rio de Janeiro e Lalu (Eulália Leal Amado), a matriarca da família, acompanhou o filho mais velho para Salvador. Meninos, adolescentes, matriculados num ginásio público do Rio Vermelho, o *Colégio Estadual Manoel Devoto*, integramo-nos rapidamente à vida do nosso novo bairro.

A CASA COMEÇOU A GANHAR MOVIMENTO, SEU JARDIM FOI SENDO cuidadosamente plantado por Zélia e Jorge com pitangueiras, mangueiras, bananeiras, cajazeiras e tantas outras árvores de frutas. Seu Zuca de matador de formigas passou a jardineiro, tarefa para a qual não nasceu: regava plantas de guarda-chuva, na época das grandes chuvas (esta ele considerava como sua tarefa inadiável, o mau tempo jamais o impediu de cumpri-la); já para outras, como plantar mudinhas recém-chegadas, não tinha pressa, e se a patroa insistia ele dizia com candura: — *Dona Zélia é interessante...!*, e a plantinha ficava lá, murchando, por muitos dias.

OS AMIGOS PASSARAM A FREQUENTAR A CASA COM ASSIDUIDADE. Nos domingos pela manhã os Amados os recebiam para um vinho, uma batida, uma cerveja e uns tira-gostos (entenda-se a expressão em sentido bem amplo, pois iam de acarajés a pennis de porco). Esses encontros muitas vezes transformavam-se em almoços. Frequentadores nacionais e estrangeiros movimentavam a conversa, trocavam opiniões sobre o dia-a-dia, a política e as artes. Escritores da terra como Wilson Lins, João Ubaldo Ribeiro, Luís Henrique Dias Tavares e Guido Guerra encontravam-se com os que vinham de fora: Vinicius de

Morais — que depois viria morar na Bahia —, Ungaretti, Ferreira de Castro, Neruda — que aqui hospedou-se com Matilde em sua última visita ao Brasil —, Eduardo Portella e Dias Gomes, baianos vivendo no Rio, e todos podiam trocar idéias sobre edição e venda, pois destas conversas participavam Alfredo Machado e Dmeval Chaves, Alice Raillard, Luciana Stegagno Picchio e Jean-Claude Lattès, uma vez esteve mesmo Alfred Knopf, pitando seu charuto cubano, suspirando com os abarás. Mas os saraus matutinos não eram somente literários, a música sempre presente com Tom e Caymmi, Maria Creusa, Georges Moustaki — mais de uma vez hóspede do Rio Vermelho, aqui escreveu duas belas canções —, Harry Belafonte, Sérgio Endrigo, Mariuccia Iacovino e Arnaldo Estrela. Do som à imagem, na conversa amigo, os pintores e escultores Mirabeau Sampaio, Carybé, Carlos Bastos, Jenner Augusto, Fernando Coelho, Mário Cravo, Calasans Neto, Floriano Teixeira, Genaro de Carvalho, Di Cavalcanti, Scliar, Aldemir Martins, a marchand Giovanna Bonino. Não se pode esquecer o pessoal de cinema: na varanda do Rio Vermelho conversaram animados Glauber Rocha, Joris Ivens, Orlando Senna, Roman Polanski, Lina Wertmuller, Nelson Pereira dos Santos, Lucy, Luís Carlos e Bruno Barreto, Alfredo Bini e Tizuka Yamazaki. E quanta gente mais era assídua: Norma, Auta Rosa, Luísa, Lúcia Cravo, Nair, Anita, Nancy, Antonio Celestino, Aydlil e Carlos Coqueijo Costa, Dagmar e Tibúrcio Barreiros, Judy e Alexander Watson — na época cônsul dos EUA na Bahia, hoje Subsecretário de Estado para Assuntos da América Latina — Francis Swit, Luz da Serra e Walter Queiroz, Josete e Mecenas Marcos; Dóris e Paulo Laureiro vinham de Recife. Muito se conversou, se discutiu, de literatura a futebol, nestes encontros matinais, muito se cantou e se riu — como esquecer a *Exaltação a Luxemburgo*, samba enredo de autoria de João Ubaldo, que rimava as praias faceiras com as *mulatas altaneiras*, ambas o orgulho maior de toda Ásia Menor. *Ai, Luxemburgo?*

NAS MANHÃS DE DOMINGO DA CASA DO RIO VERMELHO ESTAVAM TAMBÉM OS jovens que na época faziam política estudantil, lutando contra a

ditadura. Eram os nossos amigos, de João Jorge e meus, muitos deles filhos dos amigos do casal Amado, como Maria e Artur Sampaio, Mariozinho Cravo, Sossó e Ramiro Bernabé, Walthino Queiroz, e mais tantos que respiraram esta atmosfera de amizade e cultura.

NAS TARDES DE DOMINGO O PROGRAMA ERA UM CARTEADO.

O pôquer que reunia Jorge, Mirabeau, Odarico Tavares, Wilson Lins, Carlinhos Mascarenhas, Fernando Coelho, Nelson Taboada, Yves Palermo e João Batista realizou-se em casa de Odarico até a morte do grande jornalista; a partir de então passou a dividir-se entre a rua Alagoinhas e a rua Ary Barroso, na casa de Norma e Mirabeau Sampaio; enquanto os homens jogavam pôquer, as mulheres faziam seus torneios de buraco, do qual participavam Zélia, Norma, Nancy — Carybé nunca jogou, vinha só acompanhar —, Êmina, Antonieta Taboada e outras amigas. Uma única mulher na roda de pôquer: quando vinha à Bahia, Giovanna Bonino fazia parte, no dizer de Mirabeau, *do capital estrangeiro*.

FESTA DE DATA MARCADA ERA NO DIA 2 DE FEVEREIRO DE CADA ANO:

o aniversário de Lulu no mesmo dia do presente de Yemanjá, festa maior do bairro do Rio Vermelho. A tradição que se formou, e que durou até a morte de minha avó, era de se fazer muita comida, comprar muita bebida, deixar a porta aberta para todos que quisessem passar. Os primeiros chegavam bem cedo, eram os que não queriam enfrentar fila para levar suas flores, seus pentes e seus perfumes para a mãe-d'água. Deixavam o presente no peji e subiam a ladeira da Alagoinhas para quebrar o jejum com um acarajé, com um copinho de cerveja. Mesmo o mais madrugador encontrava Viturino, a mais linda das baianas que já houve em Salvador, em frente ao seu tabuleiro repleto de abarás, cocadas, amodas, punhetas, vatapás, camarões e molhos de pimenta para rechear os acarajés fritinhos na hora. Seu Arlindo e seus ajudantes comandavam o bar, que, pela quantidade de bebida que havia, precisava espalhar-se pelas banheiras da casa, cheias de gelo para a ocasião. Lulu, ao lado do filho e da nora, recebia as centenas de amigos com seu sorriso de

pura felicidade. O cortejo prosseguia até altas horas da noite, e houve vez em que acabou tudo, tudo mesmo — às dez horas da noite, para um sobrinho que chegou cansado após o dia de farra, Zélia não conseguiu mais nem um copo de água.

ANOS DEPOIS JORGE AMADO COMPROU A CASA VIZINHA, impedindo que fosse feito um edifício no local. Mais um projeto de Gilberbet Chaves, este integrou as duas casas: a antiga cozinha virou copa, a casa ganhou uma cozinha mais ampla, digna dos almoços baianos oferecidos com frequência aos hóspedes estrangeiros e aos amigos locais; ganhou ainda boa área de serviço e dependências para os empregados, mais um quarto de hóspedes e um bom escritório. No novo quintal um jardim de rosas.

ZÉLIA EMPENHOU SUAS ECONOMIAS NA COMPRA DE DOIS PEQUENOS TERRENOS contíguos ao jardim e ali plantou uma horta, que passou a abastecer a casa de quiabos, abóbora, couves, melancias, pimentas e bananas.

A CASA GANHOU FAMA E PASSOU A SER INCLuíDA NOS ROTEIROS TURÍSTICOS.

No início, os turistas entravam e passeavam pela casa toda, ninguém impedia. Uma vez Zélia estava de cabeça para baixo fazendo ioga no meio da sala, quando viu aquela fila de pessoas passando por ela, fechou os olhos, fingiu que estava sozinha. O incômodo da privacidade desrespeitada fez com que os turistas acabassem sendo proibidos de entrar. Os ônibus continuaram a parar na porta, os turistas desciam, por vezes chamavam o escritor gritando seu nome, tiravam fotografias e iam embora. Era difícil para Eunice — arrumadeira da casa por mais de vinte anos — despachar o pessoal da porta: — São pessoas tão distintas..., dizia ela.

PARA MANTER A TRANQUILIDADE DA CASA OS AMADOS CONTAM

há mais de trinta anos com Aurélio Sodré, que desempenha tarefas múltiplas, entre as quais de motorista, fazedor de pacotes, secretário para assuntos de cambómbé, arquivista — recortando e colecionando notas de jornal. Fiel escudeiro de todas as horas, quando todos estão fora, podem ficar descansadas, porque Aurélio está olhando pela casa.

NO COMEÇO DE 1971 TANTO JOÃO JORGE QUANTO EU CASAMOS.

Eu fui morar no Rio de Janeiro, ele construiu uma casa nos terrenos onde Zélia plantava sua horta, com entrada pela rua Irará. Foi mais um belo projeto do arquiteto grapiúna. Na casa da rua Alagoinhas ficaram Zélia e Jorge, Lulu, o casal de cachorros da raça Pug, Capitu e

Pickwick e a gata Chacha, vira-lata de boa linhagem, filha de Gabriela (siamesa) e de dona Flor (gato persa azul, que só depois de ganhar o nome revelou-se macho). A casa esvaziada sofreu novas transformações: o meu quarto virou closet; o quarto de João virou um escritorzinho, onde Zélia passou a guardar suas fotografias, seus livros, suas coisas.

JUNTO COM A CASA DE JOÃO JORGE, EM 1970, FOI FEITA

uma construção no final do jardim. Trata-se de um estúdio para o escritor. A idéia era que ali ele pudesse isolar-se para escrever. O *Quiosque*, como passou a ser chamado, é uma construção de dois andares, em baixo fica um quarto de empregados, um depósito e uma adega, em cima um grande espaço cercado de estantes — aí está a biblioteca que reúne os livros escolhidos pelo escritor, seus preferidos — com uma cama de casal num canto, um banheiro amplo, e uma linda vista sobre o mar do Rio Vermelho.

EM 1972 MORREU Lulu, na Páscoa. Seu quarto foi transformado num quarto para os netos de passagem: Bruno, Mariana, Adriana, Maria João, Camila, Cecília, Valéria, João Jorge Filho e Jorge Neto. Mais uma vez modificações foram feitas: o jardim de rosas desapareceu, dando lugar a uma piscina de borda amarela, uma jóia de Gilbert homenageando Yemanjá. Em 1973 a entrada ganhou porta nova, entalhada por Calasans Neto, com as figuras amorosas de Tereza Batista e Januário Gereba.

COM A SEPARAÇÃO DE JOÃO JORGE, A CASA DA RUA IRARÁ ficou para seus filhos. João mudou-se para Itapuçã.

DESDE QUE COMPRARAM O APARTAMENTO EM PARIS, Zélia e Jorge passaram a dividir o tempo entre a Europa e o Brasil. A

casa passou a ficar sem os donos por longos períodos. Para não deixá-la tanto tempo vazia João Jorge voltou para a casa do Rio Vermelho. Novas adaptações foram feitas: o quarto de hóspedes da frente passou a ser o quarto do casal Rízia e João, o *netário* de Zélia — originalmente quarto de Lulu — passou a ser o quarto de Jorginha, e o antigo quarto de João voltou ao dono e passou a ser seu escritório.

A FESTA DO 2 DE FEVEREIRO, FOI SUBSTITUÍDA PELA DO ANO NOVO.

Não é mais uma festa a reunir todos os amigos, conhecidos e passantes, mas é um momento importante de encontro da família e dos amigos mais íntimos, quando a casa se ilumina toda, se anima com a juventude dos netos que agora trazem os amigos e namorados.

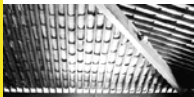
MUITAS FESTAS TÊM MARCADO A VIDA DA CASA DO RIO VERMELHO.

Uma delas aconteceu no ano de 1985, quando da inauguração da *Fundação Casa de Jorge Amado*. O casal Amado reuniu num grande almoço sentado cerca de 450 convidados. Nas mesinhas espalhadas pelo jardim, pelas varandas, e na piscina sentaram-se personalidades, artistas, intelectuais de expressão da vida brasileira e de fora — o escritor Eugène Ivtuchenko vestia espantoso terno vermelho —, o Presidente José Sarney com ministros, políticos de todas as correntes. Vários desafetos se encontraram na rua Alagoinhas, e passaram juntos um bom momento nesta casa de paz, própria à convivência.

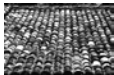
AS FESTAS CONTINUAM ACONTECENDO: EM 1994,

quando veio à Bahia o Presidente de Portugal, Mário Soares, em um belo almoço lhe foi oferecido. Desta vez uma festa com menos convidados, mas com a marca dos donos da casa: cordialidade, amizade e beleza. Outra ainda, e mais recente, foi a merenda baiana servida aos artistas franceses Dominique Blanc e Michel Piccolli e à viúva do poeta René Char em outubro de 1995: tinha o mesmo clima e o mesmo espírito das *domingueiras* matinais dos anos 60.

PALOMA JORGE AMADO



OS DETALHES



Mário Cravo, ferro



Carybé, azulejos

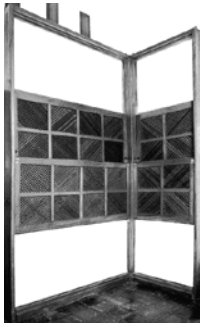


A casa é cheia de detalhes, será que mostrei todos?

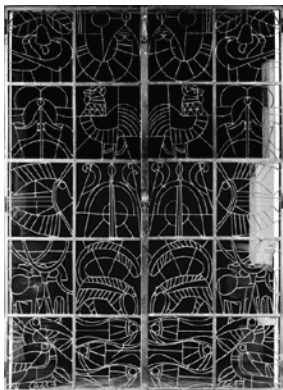
A vigas terminam sempre em forma de pássaro, esta solução foi dada por Carybé, que subiu numa escada e fez o desenho sobre a própria viga. Dele também são os azulejos com Oxum e a arma de Oxóssi, que estão por toda a parte da casa. O telhado é de telha vã; quando existe um forro, ele é de treliça.



Carybé, madeira



O traço de Carybé também está nas portas vazadas. As janela de guilhotinas aparentes tem um sistema muito engenhoso, onde uma metade é o contrapeso da outra. A tralça das janelas e dos forros, o vazado das portas, os tijolos dispostos em xadrez com espaços vazios, a luz passando, formando desenhos no chão, nas paredes, são como rendas diversas, que se estendem pela casa.

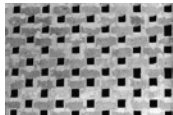


Carybé, ferro

Renda maravilhosa e única é a do portão de ferro desenhado por Carybé, entre as varandas aberta e fechada.



Os tucanos, os pássaros e os cajuís do portão estão também nos azulejos do bar. O bar ainda traz graviolas e pitangas, carambolas e cabaças; no lugar do tamanduá de ferro, macacos. São bichos e frutas brincando perto do bar.



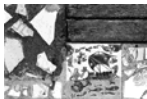
Carybé azulejos





Jenner Augusto, óleo sobre vidro

A porta de vidro pintada por Jenner Augusto liga a varanda fechada com o quarto do casal, e a janela basculante ilumina o banheiro deste quarto. Nela estão retratados os pássaros safê, que vieram do Rio de Janeiro quando o casal mudou-se para a Bahia.



Nos mosaicos de cacos de azulejos, a variedade infinita de composições.

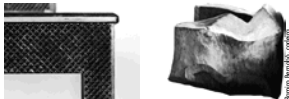




Lev Smarcevski, cadeiras



Lev Smarcevski, cadeiras



Ramiro Bernabê, cadeira



João dos Prazeres, mesa



Os móveis foram desenhados pelo arquiteto Lev Smarcevski, menos as grandes cadeiras de encosto e acento de sola, fruto de pesquisa de Gilbertbert Chaves nos mosteiros da Bahia, e a poltrona esculpida por Ramiro Bernabê. A mesa para a varanda foi encomendada ao carpinteiro João dos Prazeres. Ele demorou a fazê-la, mas que surpresa quando ela chegou: tinha a borda toda esculpida em bico de joia, uma lindeza. Foi mais uma renda delicada que chegou para embelezar a casa.



ROSA RAMALHO





As peças de cerâmica de Rosa Ramalho e José Franco formam, pelo número e qualidade, coleções dentro da coleção. A santa ceia, os santos e demônios, os cristos — um branco outro preto, que ladeiam a Nossa Senhora das Pregas, são todas peças muito características da obra da saudosa artista portuguesa.





JOSÉ FRANCO





Os bichos, os santos, os jarros de José Franco, como o aparelho de jantar que se usa em dia de festa, vem de seu atelier em Matra, Portugal.



OXUNS E LEMANJÁS

Esta é uma casa de Oxuns e lemanjás. A primeira e principal das Oxuns é a própria Zélia. A esculpição por Vasco Prado vive nua, à beira da piscina. A grande lemanjá de Mário Cravo, no alto da sala, é iluminada pelo sol; a cada hora uma luz diferente, uma nova visão.



Mário Cravo, lemanjá

Vasco Prado, lemanjá





Iemanjá, Angola



Carybé, Oxum



Gilbert Chaves, Iemanjá



Graça Gradim, Iemanjá



Iemanjá, Hailé



Carybé, Iemanjá



Osmundo, São Jorge

Se Oxum é dona Zélia, seu
esposo é Oxóssi, seu
Jorge, São Jorge
Guerreiro.



OXÓSSIS E SÃO JORGES



Floriane Teixeira, São Jorge



Carybi, arma de Oxóssi





madeira, Índia



Isa, icons

A coleção das São Jorges é grande; entre os entalhados, presos à parede da piscina, de repente, aparece uma figura indiana que nada tem a ver com o santo, mas que acaba por se integrar no conjunto.

Nossa visita acaba aqui, junto a Oxum e a Oxóssi. Espero que tenham gostado.

P. J. A.



Milagres, cerâmicas, Portugal

Este livro foi composto por
mangueiras
para a
FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

RUA ALAGOINHAS 33, RIO VERMELHO

O MURO	3
A ENTRADA	5
BOA NOTÍCIA LOGO PELA MANHÃ:	
JORGE AMADO	7
OS SAPOS	9
A SALA	11
A VARANDA ABERTA	21
O BAR	25
O JARDIM	27
O QUARTO	31
INSINUAÇÕES E FRAGMENTOS	
GILBERT CHAVES	37
A VARANDA FECHADA	43
A PISCINA	53
O QUARTO DE HÓSPEDES	58
O QUIOSQUE	60
RUA ALAGOINHAS 33, RIO VERMELHO	
PALOMA JORGE AMADO	62
OS DETALHES	66
ROSA RAMALHO	71
JOSÉ FRANCO	73
OXUNS E IEMANJÁS	75
OXÓSSIS E SÃO JORGES	77